



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

Prof-Artes



INGRIDY DE ALMEIDA NASCIMENTO

**O CAMINHAR COMO PRÁTICA ESTÉTICA NO TEATRO: EXPERIÊNCIA
ESCOLAR**

**Uberlândia- MG
2020**

INGRIDY DE ALMEIDA NASCIMENTO

**O CAMINHAR COMO PRÁTICA ESTÉTICA NO TEATRO: EXPERIÊNCIA
ESCOLAR**

Artigo apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), na Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dirce Helena Benevides de Carvalho

**Uberlândia- MG
2020**

RESUMO

A presente pesquisa trata das práticas contemporâneas nas artes cênicas no âmbito da escola de educação básica, com ênfase em experiências de caminhadas realizadas nos espaços da escola e fora da escola. Para tanto, foram realizadas experiências artísticas com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual “Profª Hilda Rocha Pinto”. Deste modo, pretendo apresentar o teatro como proposta de formação artística, trabalhando práticas contemporâneas que privilegiam as subjetividades dos alunos em suas relações com as espacialidades, a saber, com o ambiente circundante da escola e com o entorno da escola, configurando-se, portanto, em práticas de caminhadas estéticas, possibilitando experiências de coletividade significativas nas aulas de arte, objetivando colaborar com a formação artística dos alunos. Refletir sobre práticas e metodologias contemporâneas é uma oportunidade de desenvolver uma pedagogia teatral ancorada nas expressividades e nas singularidades dos sujeitos aprendizes. Nesse sentido, as práticas teatrais desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio privilegiando as itinerâncias pelo espaço escolar, a saber, o caminhar ou, mais exatamente, a deriva, passam a integrar o escopo da pesquisa. A questão que se levanta refere-se, pois, à verificação das possibilidades do fazer artístico considerando as práticas contemporâneas nas artes cênicas, destacando as relações do espaço com os sujeitos em experiências de deambulações.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Experiência Artística; Caminhadas Estéticas; Coletividades.

ABSTRACT

This following research deals with contemporary practices in the performing arts aiming the basic education emphasizing background experiences built in and outside school facilities. In that matter, artistic experiments were carried out with High School students from the State School “Profª Hilda Rocha Pinto”. Based on that, I intend to present the play as an artistic training proposal, working with contemporary practices that privilege the students' subjectivities in their relations with espaciality, bearing in mind the school's surroundings and its environment. Thus, configuring itself, in aesthetic walking practices, enabling significant collective experiences in art classes, aiming to collaborate with students' artistic training. Reflecting on contemporary practices and methodologies is an opportunity to develop a theatrical pedagogy anchored in the expressiveness and singularities of the learning subjects. In this sense, the theatrical practices developed with High School students favoring wandering around the school space, considering walking or, more precisely, drifting, become part of the research goal. Therefore, the question that arises refers to the verification of the possibilities of artistic making considering contemporary practices in the performing arts, highlighting the relationships of space with the subjects in wandering experiences.

Keywords: Art Teaching; Artistic Experience; Aesthetic walks; Collectivities

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. INÍCIO DO PERCURSO: ações para além do espaço da sala de aula.....	11
1.1 Buscando compreender a trajetória dos alunos nas aulas de arte.....	13
1.2 A experiência com o <i>Caminhando</i> de Lygia Clark.....	15
2. CAMINHADAS: novas significações nos fazeres artístico.....	18
2.1 O uso do QR Code: um caminho aberto à experiência estética.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A pesquisa de mestrado no Programa de Mestrado Profissional/PROF-ARTES, na Universidade Federal de Uberlândia, trata das práticas contemporâneas nas artes cênicas no âmbito da escola de educação básica, com ênfase em experiências de caminhadas nos espaços da escola e fora da escola.

Em minha trajetória alguns aspectos de fatos essenciais foram extremamente importantes para decidir a minha profissão, a saber, ser professora de arte no ensino de educação básica.

No período da minha escolarização no Ensino Fundamental e Médio, o meu interesse se voltava fortemente para as aulas de arte. Recordo-me das aulas direcionadas à realização de técnicas de pintura, de acordo com a orientação da professora, que julgava os desenhos de forma binária, a saber, bonitos ou feios, bons ou ruins, confirmando uma pedagogia tecnicista do ensino de arte. Realizava as minhas atividades com muita destreza, mas sentia-me melhor quando fazíamos o desenho livre.

Nas atividades livres, uma folha era pequena para colocar tudo o que eu sentia. A convivência com muitos alunos na escola era bastante conturbada pelo fato de eu ser negra. Assim, quando apresentava os meus trabalhos, eles não eram vistos como bons, pois a diferença entre os alunos de acordo com as suas etnias eram bem evidenciadas nesta escola. Com a cor da minha pele, o meu cabelo “crespo”, por alguma razão, em uma das aulas percebi que meus desenhos refletiam as nossas diferenças de etnias, pois tentava representar as figuras humanas com cores mais próximas a minha cor negra.

Mesmo diante de algumas experiências constrangedoras, ainda trago em minha memória a revelação da importância da arte em minha vida. Menina do interior de São Paulo, na cidade de Cruzeiro, ficava encantada quando o circo chegava na cidade. Cresci em uma família humilde, meu pai com muita dificuldade nos levava para assistir as apresentações circenses. Olhava aquilo e imaginava que poderia ter algo assim também na escola. Corpos em movimento, acrobacias, equilíbrio corporal, trapézio, palhaços, todo este universo se fazia muito diferente de minhas aulas de arte na escola em que eu estudava.

Na minha trajetória como professora de arte, desde o início senti necessidade em expressar algo a mais que fosse além do papel. A vontade em expressar corporalmente as atividades artísticas foi o disparador para essa pesquisa, pois pude perceber que para a maioria dos alunos a aula de arte é apenas um momento de entretenimento. Em decorrência de

distorções acerca de concepções do ensino de arte, fragilizados principalmente no que diz respeito às expressividades cênicas.

Após concluir a graduação em Arte, iniciei o trabalho como professora efetiva na rede pública do Estado de São Paulo, a primeira escola estadual em que ministrei aulas de arte foi no município de Lavrinhas SP no decorrer no ano de 2014 a 2017. A escola comportava aproximadamente duzentos alunos do Ensino Médio no ano de 2014. Foi algo marcante para a minha decisão ministrar as aulas de arte para além dos Cadernos Didáticos, materiais compostos por especialistas na área da Educação que atuam diretamente na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Os professores do ensino de arte da rede pública são orientados a desenvolver suas aulas em conformidade aos conteúdos e temas presentes nesses materiais que configuram-se como guias didáticos para as aulas de arte. Muitas das atividades propostas não estão em consonância com a realidade dos alunos e, diante dessas dificuldades, os professores realizam as adaptações na medida em que lhes é possível. Em algumas situações tais adaptações ficam muito frágeis e para que ocorram, faz-se necessário observar com muita acuidade as diferentes realidades que se apresentam no âmbito escolar, para que as atividades possam espelhar as necessidades de aprendizagem artística dos alunos.

Em decorrência da reorganização da rede estadual de ensino, muitas classes foram fechadas desde o ano de 2015. Silenciosamente, as escolas foram atingidas pelo impedimento da abertura de novas classes. Sabemos o quanto é importante um ambiente de aprendizagem com o número reduzido de alunos no espaço físico. As salas das redes de ensino público estadual têm super lotação, sobrecarregando o trabalho do professorado, com falta de materiais, falta de manutenção dos prédios escolares, dentre outros agravantes.

O fechamento de salas, atingiu muitos profissionais de diferentes disciplinas, obrigando os professores a se deslocarem para outras escolas, não tendo a certeza que teriam aulas suficientes para completarem a sua jornada semanal de trabalho. Com a situação que se apresentava, a escola em que eu lecionava foi atingida pela reorganização e todos os professores foram transferidos para outras unidades escolares no período de 2017 a 2018. Cheguei na outra escola, ainda no município de Lavrinhas SP, na categoria de professora excedente, pois já havia uma professora titular para as aulas de arte e, assim sendo, fiquei apenas com quatro aulas semanais, tendo que participar de nova atribuição de aula no ano de 2018, quando ingressei na E.E. Profª. Hilda Rocha Pinto, na cidade de Cruzeiro no interior de São Paulo.

Buscando ações que pudessem favorecer uma prática que se diferenciasse de técnicas de reprodução, continuei minha pesquisa na E.E. Profª. Hilda Rocha Pinto, na cidade de

Cruzeiro, SP. A realidade da escola mostrou como esses jovens no decorrer de sua trajetória escolar, muitas vezes, não têm acesso às possibilidades que a arte oferece. Diante de tal situação, percebi a importância em investigar metodologias que privilegiassem a experiência estético-artística nas artes cênicas, considerando o fazer artístico e a fruição estética. Assim, no decorrer de minha pesquisa apresento uma reflexão sobre as experiências teatrais vivenciadas com alunos do Ensino Médio na Educação Básica.

A pesquisa foi realizada com os alunos do Ensino Médio, integrando uma faixa etária de dezesseis a dezoito anos de idade da Escola Estadual Prof.^a Hilda Rocha Pinto, localizada na rua São Luís, nº183 - Jardim São Jose, na cidade de Cruzeiro, no interior de São Paulo.

Deste modo, pretendo apresentar o teatro como proposta de formação artística, trabalhando práticas contemporâneas que privilegiam as relações dos alunos com as espacialidades, a saber, com o ambiente circundante da escola e do entorno da escola, configurando-se, portanto, em práticas de caminhadas estéticas buscando experiências que tivessem significado para os alunos.

Para o aporte teórico, recorro a obra *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, de Francesco Careri (2013). O autor mostra o caminhar como um meio para fruição estética e é possível adaptações para a realização de derivas com os nossos alunos.

Destaco a contribuição do filósofo Guy-Ernest Debord (1931-1994), que em 1950 passa a integrar a Internacional Letrista e um dos fundadores da International Situacionista - IS, em 1957, que foi uma junção do Movimento Letrista com o Movimento por uma Bauhaus Imaginista com a criação de uma revista do mesmo nome. Influenciado pelo movimento Dadá das vanguardas europeias do início do século XX, os letristas buscavam a integração entre poesia e música e na transformação da paisagem urbana.

Um dos textos que propunham a deriva foi assinado por Debord e Fillon e publicado no *Potlatch*, nº 14, no ano de 1954. As ideias relacionadas à deriva e a psicogeografia levam-no a criar a *Teoria da Deriva* no ano de 1958, publicada na Revista da International Situacionista. A prática da deriva é o caminhar ao acaso, sem direção, reconhecendo o acaso como uma possibilidade de criar significações.

A vontade de construir significados ou de desconstruir padrões vigentes inscritos na sociedade do espetáculo já são demonstradas na primeira publicação de *Potlatch*, Revista Internacional Letrista, em junho de 1954 “*Le jeu psychogéographique de la semaine*” [O jogo psicogeográfico da semana], publicados com outros textos letristas na revista belga “*Les lèvres nues*” [Os lábios nus], entre os anos de 1955 a 1956.

Os indivíduos são convidados a experimentar o espaço urbano rompendo com a racionalidade das representações dos espaços dominantes. Para os situacionistas o ambiente interfere diretamente no comportamento humano e ao propor o caminhar estético, ou mais exatamente, a deriva, é possível promover novas percepções acerca das relações do sujeito com o espaço circundante. Reafirmando a autoria dos participantes ao se deixarem levar por novos caminhos e rotas propondo novos mapas de percursos, as caminhadas rompem com comportamentos padronizados dos lugares que são percorridos no dia-a-dia. O estado de liberdade no ato da deriva é reafirmado pelas escolhas dos participantes, é fruição, é estar em jogo com o espaço circundante promovendo a experiência estética.

A preocupação dos situacionistas dava-se na busca de uma concepção de arte que não correspondesse ao desejo burguês intensificando a importância da experiência. Assim, buscavam novas percepções nas relações do sujeito com o seu entorno. Debord (1997), valoriza a experiência da deriva como um dos meios de combate à sociedade do espetáculo e, ao mesmo tempo, a superação da arte moderna, uma vez que arte e vida estão colocadas em jogo na experiência do caminhar. Não há a representação e o que está em jogo é a experiência do participante, uma vez que o seu comportamento nesse processo sensível e expressivo, cria o seu caminho escolhendo direções, ou ainda, deixa-se levar em uma rota indeterminada, fazendo do caminhar uma experiência sensorial.

As motivações acerca das relações entre o sujeito e o espaço circundante me instigaram a refletir sobre as possibilidades da deriva inserida em práticas e metodologias contemporâneas no ensino de arte. Tal motivação tornou-se uma oportunidade para o desenvolvimento de uma pedagogia teatral ancorada nas expressividades e nas singularidades dos sujeitos aprendizes. Nesse sentido, as práticas teatrais desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio privilegiando as itinerâncias pelo espaço escolar passam a integrar o recorte desta pesquisa.

A questão que se levanta refere-se, à verificação das possibilidades do fazer artístico considerando as práticas contemporâneas nas artes cênicas, destacando as relações do espaço com os sujeitos em experiências de deambulações.

Partindo do conhecimento acerca das concepções do ensino de arte nas escolas de educação básica, esta pesquisa se insere em uma abordagem qualitativa fundamentando-se no método etnográfico.

Para Lüdke e André (1986), a abordagem etnográfica compreende os dados descritivos, que são obtidos quando o pesquisador entra em contato com o objeto de estudo. Priorizando o processo ao invés do produto, esse tipo de pesquisa possibilita a compreensão entre os indivíduos, pois não busca explicar ou prever resultados, mas considera a produção do

conhecimento, os signos produzidos como as imagens, as fotografias, os desenhos, entre outros. Assim, sua prioridade não são os resultados, mas o processo que ocorre no decorrer da pesquisa.

A interpretação do material, será feita a partir da descrição dos fenômenos registrados, da observação, da descrição de dados, através das ações desenvolvidas nas aulas de arte do Ensino Médio da Escola Estadual Profª. Hilda Rocha Pinto, como veremos a seguir.

1 INÍCIO DO PERCURSO: UMA EXPERIÊNCIA PARA ALÉM DO ESPAÇO DA SALA DE AULA

O teatro no ensino de educação básica não pode ser trabalhado com ênfase em apresentações comemorativas, ou com a realização de pecinhas para enfeitar o cotidiano da escola. A formação artística deve ser realizada com ênfase na experiência do sujeito. Portanto, a ação teatral é experiência e para Dewey, “não é possível separar entre si, em uma experiência vital, o prático, o intelectual e o afetivo, e jogar as propriedades de uns contra as características dos outros” (DEWEY, 2010, p.138).

Na busca em proporcionar tais experiências, percebi ser bastante promissor a vivência teatral, focando jogos teatrais e improvisações teatrais, primeiramente dentro da sala de aula e, posteriormente, em diversos espaços da escola. Embora os alunos tenham apresentado dificuldades em relacionar-se uns com os outros, percebi ser necessário investigar metodologias contemporâneas no ensino de arte que pudessem trabalhar a experiência estética enfatizando a coletividade.

A pesquisadora Carmela Soares, trabalhando com a realidade de escola pública no Rio de Janeiro, desenvolve o jogo teatral em sala de aula com a possibilidade de modificações do espaço vazio para o espaço potencial, com ênfase na experiência estética. Para ela “na escola pública, podemos perceber que grande parte dos alunos vivem o desafio, de existir verdadeiramente, ou seja, de superar o estado de “submissão” ou esquecimento, a que muitos estão sujeitos” (SOARES, 2008, p. 52).

A proposta de Soares (2008), tem como característica pensar a poética do efêmero no contexto a escola que muitas vezes se apresenta em decorrência da ausência de condições propícias para que os alunos vivenciem a experiência artística, portanto “pensar uma poética do efêmero, como proposta metodológica para o ensino do teatro, torna-se fundamental” (SOARES, 2008, p. 54).

Nesse aspecto é importante observar que na poética do efêmero, descrita por Soares (2008), há a possibilidades do aluno desenvolver seu potencial criativo no ambiente escolar mesmo com as questões que se apresentam e que muitas vezes impedem vivências artísticas. A aprendizagem, segundo a autora, adquire sentido para os alunos que passam a se experienciarem a arte por intermédio de metodologias ludopedagógicas, onde torna-se possível transformar a realidade escolar.

Soares (2008), discorre uma experiência em que dois alunos pedem para beber água. Com a intenção de explorar corporalmente os ritmos, ela deixa os alunos beberem água

seguindo as seguintes orientações, quais sejam: o primeiro aluno faria o percurso no ritmo mais rápido e o segundo no ritmo mais lento. A ação foi marcada pela chegada na sala pelo o primeiro aluno que foi desafiado a andar mais rápido. O clima de expectativa marcou o momento para que o segundo aluno concluísse o percurso no ritmo mais lento possível. É interessante observar que para a autora “esta atitude estimula, nos alunos, o conhecimento sensível e, portanto, estético da vida. Encontram, deste modo, em meio a um cotidiano árido, uma tessitura delicada e poética, capaz de conferir novos sentidos as suas vidas” (SOARES, 2008, p. 58).

Assim, observamos que as práticas teatrais proporcionam o desenvolvimento do indivíduo no grupo social, como podemos verificar na proposição de Soares (2008). Sendo o teatro uma arte coletiva, traz a possibilidade de os alunos perceberem uns aos outros e aproximarem-se na realização das experiências. Na ação teatral, o companheirismo é adquirido, despertando o respeito às diferenças, corroborando assim com as atividades que envolvem o respeito mútuo.

No campo da pedagogia teatral, o conhecimento adquirido com a prática cênica, é essencial para o desenvolvimento de saberes sensíveis na formação artística do aluno. Sem objetivos de formar atores profissionais, mas com prioridade na experiência coletiva vivenciada pelo grupo, a formação por intermédio das artes cênicas colabora nas relações do indivíduo consigo mesmo e com o outro.

Outra colaboração que destaco para a realização de minha pesquisa foi o contato com a obra de Careri¹, ampliando a minha concepção de arte nos saberes e fazeres artísticos. A experiência com a prática da deriva tornou possível experienciar a arte de modo bastante singular. Caminhos percorridos objetivando expressar subjetividades tornaram possíveis apreender novos procedimentos, até então desconhecidos e, ao mesmo tempo, transformar a minha prática artística nas aulas ministradas na escola em que trabalho.

Careri (2013), explicita que os letristas iniciam uma teoria na errância urbana, abordando a deriva como uma determinada operação que é solícita ao acaso. Com a ampliação de informações sobre as práticas contemporâneas atuais, a escola como um espaço de construção contínua dos saberes, precisa proporcionar condições adequadas na formação

¹Em uma das aulas do Mestrado da UFU, na disciplina *A experiência artística e a prática do ensino de artes na escola- abordagens metodológicas*, ministrada pela Prof^a, Dirce Helena Carvalho e pela Prof^a Robertano ano de 2018, foi apresentado a obra *Walkscapes: o caminhar como prática estética* de Francesco Careri. Uma das experiências práticas foi marcada pelas ações performáticas sensoriais vivenciadas no espaço da UFU seguindo as orientações contidas no celular (mensagem de áudio pelo watshapp),

artística do alunado tanto na fruição estética quanto nos fazeres artísticos, e é nesta perspectiva que a pesquisa se desenvolve. A seguir abordaremos as práticas adotadas nas aulas de arte da Escola Estadual Profª Hilda Rocha Pinto.

1.1 Buscando compreender a trajetória dos alunos nas aulas de arte

O desejo em buscar novas práticas pedagógicas nas aulas de arte, era algo que já se manifestava no decorrer de minha trajetória. A partir das caminhadas estéticas, constatei as possibilidades de investigar as relações dos alunos com o ambiente/lugar/escola. No decorrer da minha pesquisa, busquei nas aulas de arte proporcionar aos alunos ações que rompessem com os padrões vigentes no que diz respeito às relações dos alunos com o ambiente/espço da escola e de suas relações com a arte.

A realidade apresentada pelos alunos nas aulas de arte era muito distante das experiências contemporâneas do ensino de arte. Assim, percebia um paradoxo instaurado nas aulas, pois inseridos no mundo contemporâneo, as escolas oferecem uma educação, em sua maioria, que privilegiam a transmissão de conteúdo. Observando esse contexto, a reestruturação da educação deve respeitar as singularidades dos alunos, desenvolvendo e proporcionando uma aprendizagem que privilegie a autonomia do aluno.

A ênfase que a concepção de educação da atual Lei de Diretrizes e Bases coloca sobre a tecnociência, como princípio e requisito básico no saber, na sociedade e na cultura, é contrabalançada pelo «conhecimento da arte», compreendido como conhecimento sensível-cognitivo, voltado para um fazer e apreciar artísticos e estéticos e para uma reflexão sobre a história e contextos na sociedade humana (FAVARETTO, 2010, p. 228).

Trazendo as considerações de Favaretto, o princípio e requisito básico dos saberes abordados na Lei de Diretrizes e Bases enfatiza a tecnociência, tanto na cultura como na sociedade. O autor destaca que os excessos da racionalidade humana podem ser equilibrados pelos saberes sensíveis e cognitivos da arte.

Assim, há a necessidade de repensar a arte na escola diante das transformações que vem ocorrendo na contemporaneidade. Nesta abordagem, pode-se afirmar que o campo de investigação desta pesquisa se aproxima da questão abordada pelo autor, quando afirma que por intermédio do ensino contemporâneo da arte é possível “pensar o deslocamento do sujeito, a produção de novas subjetividades, as mudanças no saber e no ensino” (FAVARETTO, 2010, p. 229).

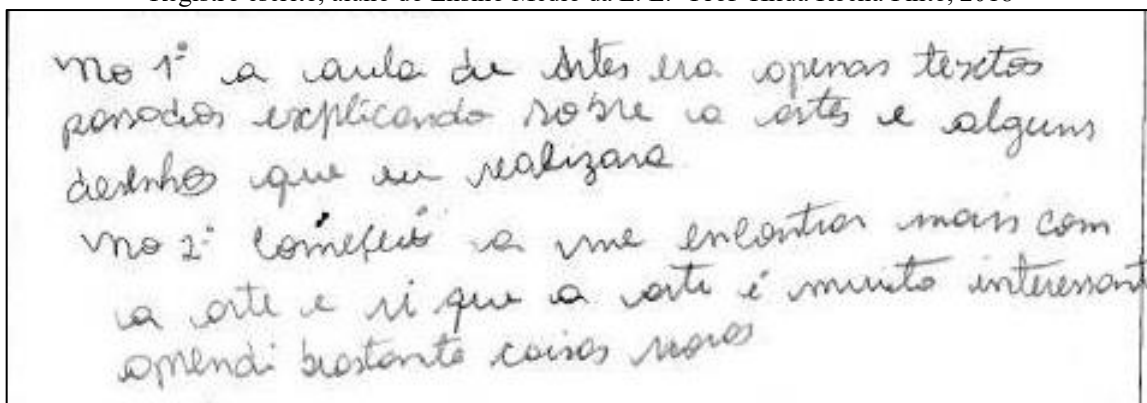
Quando nos deparamos com a formação como processo, conforme explica Favaretto (2010), há a possibilidade do aprimoramento do espírito do indivíduo. Nesse sentido a realização de práticas artísticas contemporâneas, poderão auxiliar na formação do indivíduo, principalmente no processo que agrega o coletivo, auxiliando, portanto, no processo emancipatório do sujeito.

O que esperar de alunos que permanecem constantemente reproduzindo conteúdos de um quadro/pintura nas aulas de arte? Tais estratégias não estão em consonância com as novas concepções do ensino da arte que priorizam, acima de tudo, o campo do sensível nas aprendizagens artísticas. Estas fragilidades no ensino de arte decorrem muitas vezes pela repetição de velhos padrões estabelecidos nas instituições escolares, de regras muito rígidas, como o estabelecimento de horários determinados, o cumprimento de conteúdos descontextualizados, da aplicabilidade de provas que não fazem sentido para os alunos, de maneiras impostas para o comportamento, do aprisionamento nas carteiras, restringindo seus corpos, suas liberdades, a impossibilitando experiências sensíveis.

Na tentativa de provocar novas rupturas, foi proposto aos alunos que expressassem as atividades que se realizavam nas aulas de arte.

Abaixo o texto de uma aluna explicitando as atividades nas aulas de arte, vejamos:

Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. "Profª Hilda Rocha Pinto, 2018



Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno:

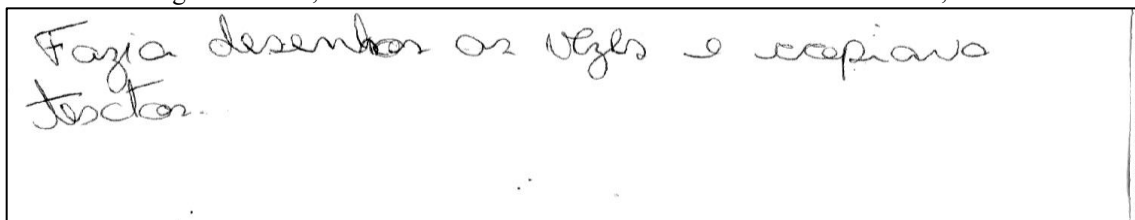
“No primeiro (primeiro ano do Ensino Médio) a aula de arte era apenas textos passados, explicados sobre a arte e alguns desenhos que eu realizava. No segundo (segundo ano do Ensino Médio) comecei a me encontrar mais com a arte e vi que é muito interessante, aprendi bastante coisas novas” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual “Prof.ª Hilda Rocha Pinto”, 2018).

Os registros dos alunos demonstraram que as atividades nas aulas de arte eram elaboradas de forma muito mecânica, desconsiderando questões essenciais na formação artística contemporânea, demonstrando a necessidade em repensar o ensino de arte

O texto apresentado pelo aluno, apresenta o conteúdo da aula de arte quando estudava no primeiro ano do ensino médio e afirmam que as aulas constituíam-se de texto e de reproduções de desenhos.

Observa-se no próximo relato o predomínio de técnicas desgastadas no ensino de arte como, por exemplo, cópia de textos e desenhos livres, sem proposições estéticas, distante de aprendizagens que priorizam saberes sensíveis.

Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E. E. “Profª Hilda Rocha Pinto, 2018



Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno:

“Fazia desenhos às vezes e copiava textos” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual “Prof.ª Hilda Rocha Pinto”, 2018).

Inicialmente, nas proposições de ações coletivas, alguns alunos preferiam realizar as atividades individualmente. Dessa maneira, aspectos importantes precisavam ser trabalhados para aproximarmos de experiências significativas, uma vez que as atividades desenvolvidas nas aulas de artes se faziam exclusivamente de reproduções, tanto de desenhos quanto a apresentação de peças teatrais onde os alunos apenas reproduziam as falas do texto.

As propostas superficiais realizadas nas aulas de arte, mostraram que os alunos estavam distantes de atividades artísticas que possibilitassem a experiência sensível. A partir da verificação dos registros foi possível pensar em ações artísticas que mobilizassem os alunos na realização de experiências que os aproximassem da arte contemporânea. Uma das proposições realizadas com os alunos foi o Caminhando de Lygia Clark, como será visto a seguir.

1.2 A EXPERIÊNCIA COM O CAMINHANDO DE LYGIA CLARK

Considerando o caráter etnográfico desta pesquisa, relatarei algumas atividades realizadas com os alunos na E.E. Júlio Fortes, no ano de 2016, na cidade de Lavrinhas, SP.

Para Soares (2008), tudo pode ser transformado para que se aprenda a linguagem do teatro. Em conformidade com a autora, a experiência proposta para os alunos com o Caminhando de Lygia Clark foi realizada fora do espaço da sala de aula.

Realizar o Caminhando com os alunos foi possível ressignificar, as minhas próprias ações dentro da escola, que o ensino de teatro não é constituído somente de texto, palco e plateia, pois “trata-se, portanto, de identificar, no cotidiano da escola e da vida, a presença de uma materialidade específica do fazer teatral, que não está restrita apenas ao domínio do texto e do diálogo” (SOARES, 2008, p.53).

Inicialmente, os alunos foram conduzidos a realizar um percurso fora da sala de aula. A primeira ação foi a saída do espaço rígido da sala de aula para um espaço fora da sala de aula, distante das carteiras e da lousa, aberto a novos experimentos.

Descendo as escadas da escola, uma certa curiosidade despertou nos alunos, pois não tinham ideia do local onde seria realizada a aula. Traçando um caminho entre pequenas árvores, busquei um outro espaço, amplo e aberto, a quadra de esportes da escola, foi o lugar para realizar a proposição de Caminhando de Lygia Clark,

O local ideal para realizar a performance da que nada mais é que uma tira de papel com os princípios da fita de moebius que é entregue ao sujeito para que ele corte a fita traçando o seu percurso “uma experiência puramente espontânea em que o participante, enquanto estiver cortando a fita, não se preocupe em saber o antes e o depois, ou seja, o que já cortou e o que será cortado” (CARVALHO, 2008, p. 95).

O processo de percorrer o corte na fita folha, proporciona a autonomia do participante na experiência artística, “viver a experiência do Caminhando é viver a si mesmo”. (CARVALHO, 2008, p. 91). Lygia Clark dá ênfase a experiência proporcionando ao espectador que ele tenha autonomia na obra:

Em Caminhando, a ênfase é a experiência no ato de cortar a fita. Nessa proposição, sublinhando o gesto real do participante, a artista deseja que o espectador trilhe o seu caminho desde o momento em que perfura a superfície moebiana com a tesoura e escolha entre seguir à direita ou à esquerda até que não seja mais possível seguir a diante (CARVALHO, 2008 p. 91).

Sentados em círculo, cada aluno fez o seu Caminhando cortando-os em tiras, percorrendo o seu próprio trajeto e, após cortarem buscaram o contato das tiras com os seus corpos.

"Caminhando" de Lygia Clark, realizado com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Júlio Fortes, 2016



Fonte: Acervo da autora.

"Caminhando" de Lygia Clark, realizado com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Júlio Fortes, 2016



Fonte: Acervo da autora.

Sommer (2015), ao referir-se ao Caminhando de Lygia Clark, salienta as possibilidades que podemos vivenciar quando criamos o Caminhando “no ato manual simples de unir pontas e formar um círculo em tira de papel, funde dentro e fora, e permite a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto” (SOMMER, 2015, p. 13).

Considerando que o espaço escolar é constituído de rituais de repetição, com carteiras enfileiras, o controle extremo dos alunos, o tempo mecânico que determina as atividades a serem realizadas, pude constatar que a atividade com o *Caminhando*, realizada fora da sala de aula em um espaço aberto, possibilitou aos alunos colocarem-se abertos à experiência sensível, participando com autonomia e estabelecendo uma comunicação de cumplicidade e respeito mútuo.

Esse foi, portanto, o início de realizações de experiências desenvolvidas com os alunos para o desenvolvimento de uma educação estética. A relação do aluno com diferentes

experimentações diretas com os demais colegas e com o espaço favoreceu para que criassem novos significados e sentidos nas atividades desenvolvidas nas aulas de arte.

As questões relacionadas ao espaço integraram os procedimentos nas aulas de arte. No relato a seguir, trataremos das questões do espaço em suas relações com os procedimentos artísticos desenvolvidos com os alunos da Escola Estadual Prof.^a Hilda Rocha Pinto.

2 CAMINHADAS: NOVAS SIGNIFICAÇÕES NOS FAZERES ARTÍSTICOS

Pensando no deslocamento do aluno na produção de subjetividade, a aplicabilidade da deriva, traz relações do sujeito com o espaço circundante. Desenvolver as caminhadas, reforça a importância de pensar a arte coletiva, pois no ato, os sujeitos da ação agem em sintonia, percebendo uns aos outros, corroborando para as relações interpessoais.

A realização da deriva com os alunos da Escola Estadual Prof.^a Hilda Rocha Pinto iniciou-se com a aula de arte de maneira diferente. Percebi que os alunos desconheciam as possibilidades que as artes cênicas nos proporcionam nos fazeres artísticos e na fruição estética. Procurei dinamizar estabelecendo o momento que estivéssemos junto, sentindo mais próximos, nomeei esses momentos como “encontros com a arte”, o que causava um certo estranhamento na maioria dos alunos.

Conduzindo-os a vivenciar ações em que pudessem experienciar o corpo no espaço circundante. Fui estabelecendo uma relação de diálogo com os alunos, percebendo que eles não tinham o hábito de realizar atividades de arte fora do espaço da sala de aula.

Destaco a experiência performativa desenvolvida fora do espaço da sala de aula, desenvolvida por Paulina Caon e Getúlio Góis de Araújo (2019), ao realizarem itinerâncias estéticas com os alunos do ensino médio com o *audiotour*². Para Caon e Araújo (2019), a partir dessas experiências foi possível a “experimentação de procedimentos criativos vinculados à caminhada itinerâncias, errâncias, derivas -, bem como à composição de textos e imagens, resultantes dessas experiências de caminhada (CAON e ARAÚJO, 2019, p.227).

Retomando, iniciei uma das aulas, mais em específico como já mencionei, “Encontros com a arte”, convidando-os para caminhar pelos espaços da escola. Estabeleci que a saída da

²*audiotour* : faixa sonora que guia as pessoas por certo espaço. Prática contemporânea, utilizando o caminhar como ato estético. Os trabalhos foram propostos aos estudantes da ESEBA, dialogando, portanto, com as práticas contemporâneas. Realizando assim, a intenção de desacelerar o tempo presente de aceleração constante, diferentemente, do tempo da experiência artística.

sala seria feita por eles inicialmente sem o uso do aparelho celular, solicitando que dessem atenção na relação de seus corpos com o espaço. Tirando-os da sala de aula que é o lugar este que estavam acostumados a permanecer sentados na aula de arte e, ao mesmo tempo, tirando-os do enrijecimento de seus corpos enfileirados nas aulas de arte. Percebi que alguns alunos comentaram qual a atividades que seria feita naquele dia no caderno de arte, talvez esperassem que a professora realizasse a cópia de algum texto no quadro negro para depois receberem o visto nos cadernos. Diante disso, senti a valorização de conteúdos presentes na postura de alguns alunos e o distanciamento das possibilidades que podem vivenciar com a arte.

Nesta aula, os alunos foram convidados a caminhar no espaço da escola. Orientei para que desenvolvessem o percurso atentando-se aos detalhes que normalmente não apreciam no cotidiano escolar. Para auxiliá-los entreguei um roteiro constando as possíveis ações que eles teriam que realizar durante a caminhada. Prontamente, levantaram e iniciaram a caminhada a partir daquele instante, sendo necessário perceber o corpo a cada passo que dessem. Como eles não tinham o hábito de desenvolverem atividades de arte fora do espaço/ sala de aula, foi importante explicar que não trataria de um momento qualquer, mas que seria de suma importância oportunizar aquela vivência.

Roteiro realizado na itinerância com os alunos nos espaços da escola.

- 1.Observam a sala de aula, o corredor. Percorram-no percebendo os detalhes que você nunca viu.
- 2.Desliguem-se de seus celulares. Deliguem-se de suas preocupações e entreguem-se a este momento.
3. Vamos para uma área aberta.
- 4.Caminhem livremente pela área escolhida.
- 5.Tirem os calçados. Sintam o chão. Percebam ~~os~~ a natureza.
- 6.Vamos fazer um caminho aberto aos sentidos.
- 7.Apreciem o que estão observando.
8. Agora, podem usar o celular, criem registros com a sua câmera. (Excertos do roteiro do caminhar aberto à experiência)

Com o roteiro em mãos e estando em grupos entre colegas, deixei que eles seguissem o que estava escrito. Fizeram a observação atenta da sala de aula, e aos poucos caminhando em direção a porta. Olhando o corredor, espaço de passagem rápidas, de encontros entre corpos, de lugar onde os alunos permanecem quando estão cansados de ficar sentados nas carteiras, espaço comprido cheio de desafios e proibições quando pedem para sair e observar o que há fora da sala.

Solicitei para os alunos que deixassem durante a caminhada o celular desligado, sem preocupar-se com esse objeto que é muito importante, mas que naquele momento seria necessário. Prontamente, duas alunas deixaram o celular aos meus cuidados pois queriam

aproveitar com mais intensidade a atividade proposta. Aos poucos foram entrando sensorialmente na caminhada, desligando-se das preocupações.

A terceira orientação presente no roteiro, convidava os alunos para caminharem a uma área aberta dentro da escola, longe das salas de aula. Deixei assim que eles escolhessem, sem a necessidade de perguntar se poderia ficar ali ou não. Queria que cada um observasse a diferença quando estamos andando rotineiramente para a escola ou para outras atividades que nos exigem o tempo e o cumprimento de ações mecânicas e quando estamos de fato abertos a um percurso sensorial.

Para minha surpresa, os alunos escolheram os lugares e estavam de envolvidos na ação de caminhar, observando os detalhes de tudo que envolvia o percurso. Caminhando com cuidado e atenção, os alunos foram aproximando o copo, tocando na parede, tocando com as mãos os detalhes contidos nos tijolos. Não ouvi em momento algum murmúrio, ou reclamações, eles estavam aproveitando, conhecendo detalhes que não são possíveis de serem observados quando estamos dentro da sala de aula.

Registro da caminhada feita pelas alunas do Ensino Médio



Fonte: Acervo da autora.

Registro da caminhada feita pelas alunas do Ensino Médio



Fonte: Acervo da autora.

O interesse em caminhar pela área escolhida da escola que é pouco explorada, sendo a parte da frente da escola. Todos os dias os alunos passam por esse caminho, mas não sentem o que há nos detalhes do jardim, constituído de diversas árvores, imenso gramado e logo enfeitando o portão, a primavera com suas belas e encantadoras flores. O momento ficou mais agradável ao tirarem os calçados, sentido o chão, pisando diretamente e suavemente fazendo o melhor que é aproximar o corpo e sentir.

No roteiro número oito, orientava os alunos a registrarem-me as ações das experimentações com o uso do próprio celular. Um grupo de alunos colocou as mãos em uma árvore e o sentimento expresso naquele momento foi de pertencimento. Relações direta com a matéria de certa maneira deixou marcar diferentes nesses alunos. O outro grupo de alunos observaram as formas de cada árvore e registraram fazendo um diálogo entre corpo e árvore.

A oportunidade de novos aprendizados foi destacada nessa aula, podemos observar na partilha de experiência dos alunos, que de fato entregaram-se a esse momento. A fala dos alunos que contribuíram para compreender e confirmar a pesquisa.

Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E.E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto

Minha Experiência em observação

Foi uma aula diferente, a onde observamos coisas que não notamos no nosso dia-a-dia na escola. Minha experiência com a atividade realizada, foi agradável, eu observei coisas que eu não prestava atenção, em coisas que para mim não eram tão importantes.

Uma das coisas mais interessantes que me chamou a atenção foi o fato de se desconectar das pessoas ao meu redor e se afastar das tecnologias como o celular.

Observar, é mais que aprender, é mais que notar algo. Na verdade é ver aquilo que ninguém acha importante, que para muitos não é nada, ou seja, é sentir algo, é sentir coisas, maravilhosas, é uma forma de expressar.

Minha experiência foi incrível, a parte que eu mais gostei foi de observar as plantas, as paisagens no jardim, na frente da escola.

Sair pelo corredor e andar pela escola foi incrível.

Fonte: Acervo da autora.

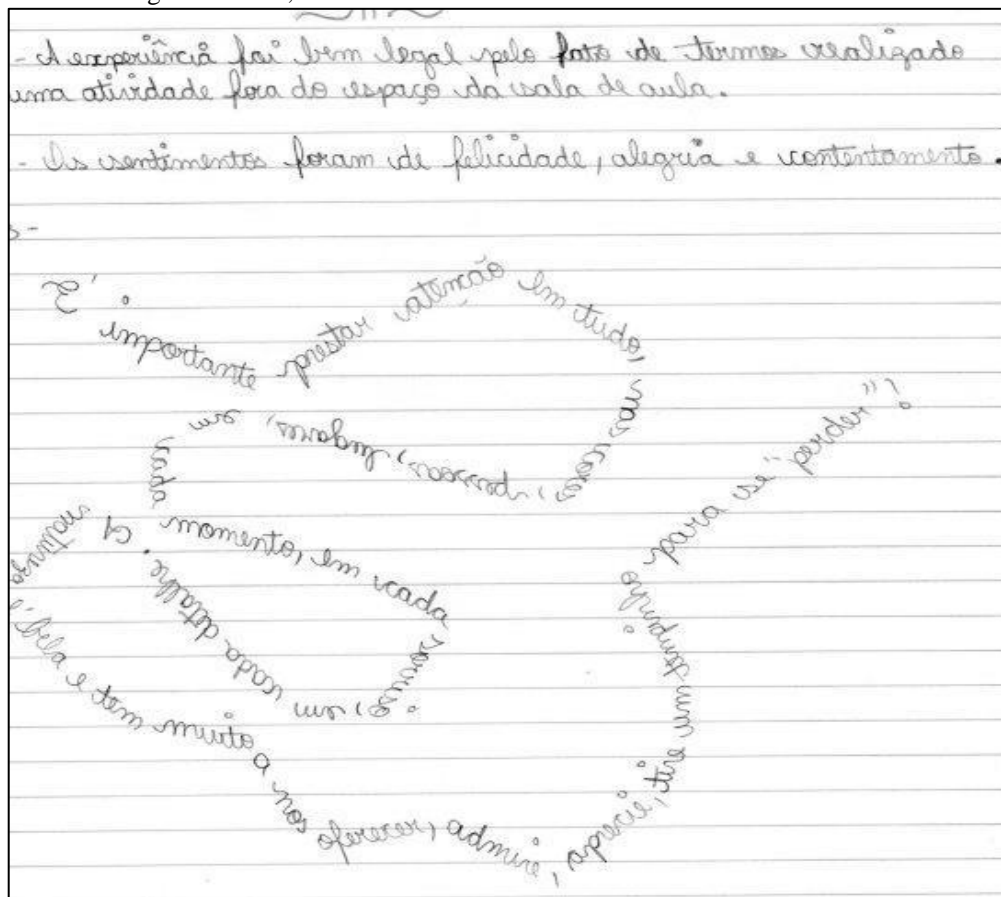
Transcrição da fala do aluno

“Foi uma aula diferente, onde observamos coisas que não notamos no nosso dia-a-dia na escola. Minha experiência com a atividade realizada, foi agradável, eu observei coisas que eu não prestava atenção, em coisas que para mim não eram tão importantes. Uma das coisas mais interessantes que me chamou atenção foi o fato de se desconectar das pessoas ao meu redor e se afastar das tecnologias como o celular. Observar é mais que aprender, mais que notar algo. Na verdade, é viver aquilo que ninguém acha importante, que para muitos não é nada, ou seja, é sentir algo, é sentir coisas, maravilhosas, é uma forma de expressar minha experiência foi incrível, a parte que eu mais gostei foi observar as plantas, as paisagens no jardim, na frente da escola. Sair pelo corredor e andar pela escola foi algo incrível” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

Essa fala da aluna, apresenta o quanto a caminhada proporcionou, como experiência olhar e conhecer o que é desconhecido por eles.

O registro abaixo de outra aluno, apresenta os sentimentos despertados ao realizar a caminhada.

Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E.E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto

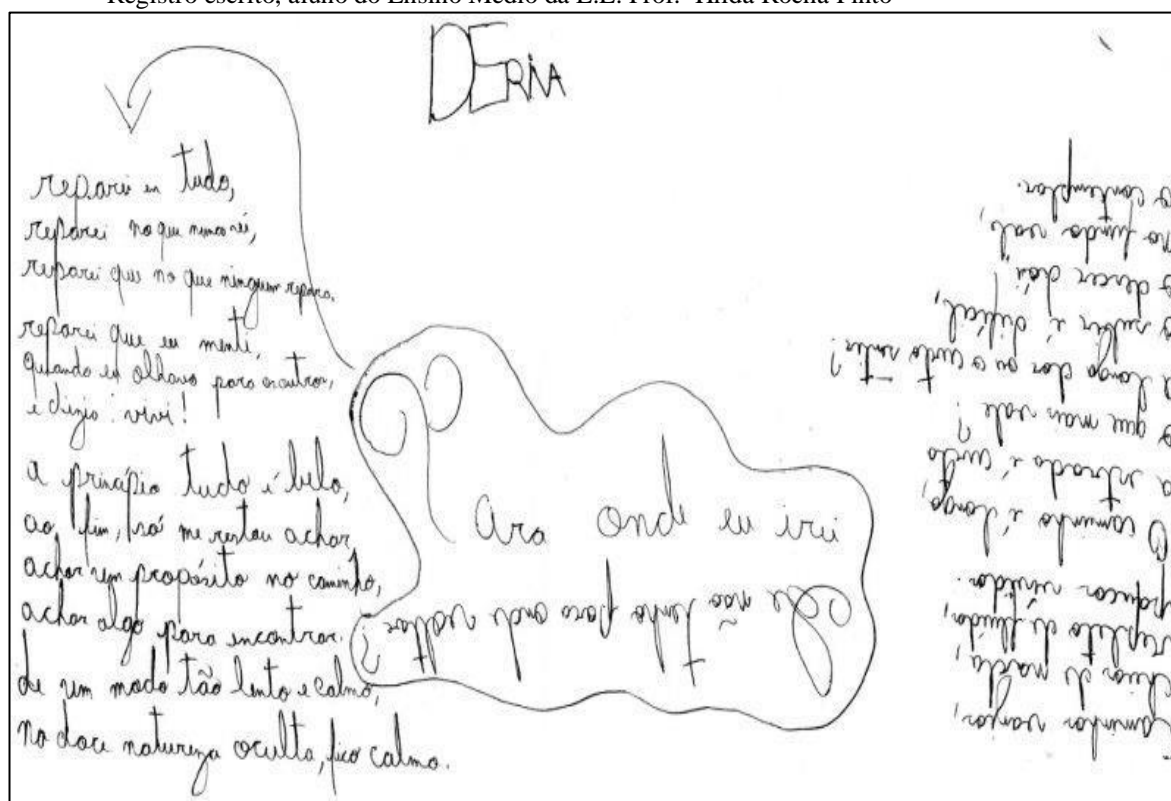


Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno

“A experiência foi bem legal pelo fato de termos realizado uma atividade fora do espaço da sala de aula. Os sentimentos foram de felicidade, alegria e contentamento. É importante prestar atenção em tudo, cores pessoas, lugares, em cada momento em cada sorriso, em cada detalhe. A natureza é belane tem muito a nos oferecer, admire, aprecie, tire um tempinho pa se perder” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual Prof.^a Hilda Rocha Pinto, 2018).

Acredito que o professor deva ser mediador da construção significativa de um saber coletivo, promovendo itinerâncias, o caminhar e a busca das subjetividades. Diferentemente de uma forma comum de caminhar, a ação da deriva com os alunos, é um viés para que se sintam integrantes ao grupo. Assim, o espaço institucionalizado, cercado de rigidez passa a apresentar possibilidades de convívio. É possível pensar nas caminhadas como integração coletiva, como exercícios de convivência e troca afetiva.

Registro escrito, aluno do Ensino Médio da E.E. Prof.^a Hilda Rocha Pinto

Fonte: Acervo da autora.

Transcrição do registro escrito do aluno.

“Deriva: Para onde irei, se não tenho para onde voltar? Reparei em tudo, reparei no que nunca vi, reparei onde ninguém repara, reparei que eu menti, quando eu olhava para os outros, e dizia: vivi! A princípio tudo é belo, ao fim, só me resta achar um propósito no caminho, achar algo para encontrar, de um modo tão lento e calmo, na doce natureza oculta, fico calmo. Caminhos vazios, cheios de nada, repleto de fluído, poucos vividos. O caminho é longo, a estrada é curta, o que mais vale? A longa dor ou o curto sentir? O subir é difícil, o descer dói, no fundo vale o contemplar”. (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual “Prof.^a Hilda Rocha Pinto”, 2018).

Percebemos o quanto é presente nos espaços escolares práticas de controle dos corpos dos estudantes, com disciplinas rígidas na intenção de obter o controle. Em *Pedagogías Invisibles* Andrea Pascual (2017), apresenta maneiras de compreender a arte como processo na educação, utilizando estratégias descolonizadoras para os corpos.

Práticas que descentralizam o poder com o próprio corpo, produzindo de maneira eficaz conhecimento significativo para a vida. Afirmo Pascual (2017), “nuestras acciones y proyectos de investigación se centran em la construcción de experiencias transformadoras a través del arte

y los procesos creativos como estratégia, y la educación como contexto” (PASCUAL, 2017, p. 131)³.

Nesse aspecto, refletimos o quanto a imposição de um sistema educativo influenciado por uma educação eurocêntrica impossibilita as ações performativas nos ambientes escolares. Uma das características importante, é observar o quanto a experiência corporal é significativa para o processo de aprendizagem.

Sob esta perspectiva apresentamos abaixo atividade criada com os alunos em uma itinerância com o uso de QR Code.

2.1 O uso do QR Code: um caminho aberto à experiência estética

Os alunos que chegam hoje na escola, estão prontos para exercitar o fascínio tecnológico, pois estão inseridos diretamente nessas transformações. No entanto, algumas resistências são encontradas nos professores, pois ainda estão inseguros para o uso e aplicabilidade das tecnologias e, deste modo, deixam de apresentar novas metodologias que poderiam garantir o interesse dos alunos.

[...] é muito importante que coloquemos tais máquinas nas mãos de nossas crianças e adolescentes, porém sempre predominando o ato de educar, de examinar criticamente - numa atitude freiriana -, aquilo que está lá. Onde a sabedoria de um professor de uma escola rural, ou de um velho pescador da comunidade, pode ser mais importante para a formação da identidade da criança e para a sobrevivência da cultura do que toda a informação que é produzida diariamente nos lugares sofisticados do planeta (CYSNEIROS, 1999, p. 20).

Dessa maneira, as TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação transformam o nosso cotidiano, proporcionando mais praticidade, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. É interessante observarmos que os diferentes recursos pedagógicos oportunizam uma melhor compreensão dos conteúdos, além da explicação em aulas expositivas, o contato com outros recursos enriquece a aula de arte. As aulas planejadas com o uso de diferentes materiais, favorecem para que os alunos não se sintam desestimulados, assim os recursos tecnológicos nas aulas, também favorecem o interesse dos alunos em realizar as atividades propostas.

As novas tecnologias estão presentes na sociedade, para de fato, enriquecer a aprendizagem uma vez que é possível acessar a rede estando em qualquer lugar e em qualquer

³Transcrição da autora do texto de Andrea Pascual “nossas ações e projetos de pesquisa enfocam a construção de experiências transformadoras por meio da arte dos processos criativos como estratégias e da educação como contexto.”

tempo. Além disso, as transformações tecnológicas são importantes pois o modelo de educação que ainda praticamos é o herdado do século XIX (SANTAELLA, 2012). Diante de tais afirmações, inferimos que grande parte das escolas brasileiras ainda não atuam fazendo uso das novas mídias. Os avanços na estruturação desse ambiente, vêm proporcionando espaços como a sala de informática, para o uso dos alunos, porém ainda há instituições que carecem desses espaços.

Em virtude da realidade das TICs, os alunos em sala de aula apresentam pelo menos um aparelho de telefonia móvel. Dessa maneira, complementar às aulas com os recursos tecnológicos trazidos pelos alunos, pode auxiliar na melhoria da aprendizagem, tornando possível o uso das tecnologias no ensino-aprendizagem. Dessa maneira, a utilização das TICs, ajudam no desenvolvimento dos saberes e fazeres em arte. Privar os alunos do uso desse recurso é uma maneira de negar que ele explore e conheça as diversas possibilidades de uso que até então eram desconhecidas.

A aula planejada com a articulação entre o objeto de estudo, o conteúdo e o conhecimento, dá ênfase ao processo de criação, muito importante para os sujeitos de aprendizagem. Por conseguinte, o professor adquire nesse contexto uma postura de mediador entre o conteúdo e o pensamento do aluno, colaborando de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem.

Ressignificando a minha prática, juntamente com os educandos, investigamos as possibilidades de realizar uma caminhada com o recurso do celular, propondo aos alunos uma nova experiência com o uso do QR CODE, em um percurso realizado fora do espaço escolar, ou seja, externo à escola.

Instiga dos a buscar uma atitude mais poética na observação do espaço urbano, já percorrido anteriormente pelos alunos, em uma relação com o espaço que possibilitasse a manifestação de subjetividades. Apropriando-se da tecnologia presente, ou seja, o aparelho celular, a partir da apresentação do QR Code, alguns dos alunos desconheciam a função desse código, nem ao menos conheciam a origem.

Em 1994 a empresa Denso no Japão, criou com a intenção de auxiliar na área automobilística, o QR Code (Quick Response Code). É um código de resposta rápida no formato bidimensional, utilizando o dispositivo móvel por intermédio de um aplicativo, o leitor de QR Code, torna-se possível quando está em conexão com a internet. As informações no código estão contidas na vertical e horizontal, armazenando o número maior de informações.

Os dados armazenados no QR Code, podem ser desde textos até cartões de visita, sendo, portanto, possível utilizá-lo de inúmeras maneiras. A câmera fotográfica do tablet ou smartphones, decodificam com rapidez o QR Code, sendo possível visualizar a informação.

Hoje ele é utilizado por várias empresas e organizações para fazer propaganda disponibilizando nele o endereço eletrônico da empresa com ofertas aos clientes e por isto está presente em diversos lugares como embalagens de produtos, etiquetas de roupas, livros, sites, em bancos, bibliotecas e em documentos, como por exemplo na Carteira Nacional de Habilitação (CNH) de motoristas, o código está sendo impresso no verso do documento e permite aos policiais um acesso rápido às informações do condutor, evitando também fraudes desses documentos (ALVES, 2019, p. 18).

Para realizar o uso do QR Code nessa atividade, acessamos o gerador de QR Code, digitamos o texto, após clicarmos no item criar código QR. Automaticamente aparece o código e a opção de download, que poderá ficar armazenado ou não.

Provocados a realizar o percurso decifrando os códigos, interagindo com as orientações contidas, foi necessário organizar os alunos em grupos de no máximo quatro integrantes, para partilhar o aparelho celular com aqueles que não tinham. Além da organização em grupo para decifrarem os códigos, nem todos tinham internet. Portanto, foi roteada a internet do celular da professora possibilitando aos alunos a realização da proposta artística.

Entendendo que as mensagens decodificadas no caminho poético reforçam a ideia de jogo, foi possível levar os alunos a observarem o espaço percorrido vivenciando de maneira subjetiva, diferente, portanto, do automatismo que os conduziam anteriormente no percurso destes lugares já conhecidos por todos.

No primeiro QR Code, alguns alunos estavam com dificuldades em realizar a leitura do código, deixavam o celular passar rapidamente, outros não conseguiam centralizar a câmera. Diante da novidade na aula de arte, cada alunos queria saber o que estava escrito, para conseguir realizar a proposta. Os grupos de alunos que conseguiam fazer a leitura do QR Code seguiam adiante, percorrendo o caminho, o que confirmava que haviam compreendido a ação solicitada no QR Code. Comunicar-se dessa maneira, causou momentos de risos entre eles que movimentavam os corpos como se estivessem libertando-se de algo que os prendem.

QR Code 1 localizado no corredor do piso superior da escola

**QR Code 1**

Bom dia!

Vamos realizar um passeio no entorno da escola.

Preciso que vocês estejam abertos à experiência que se apresenta.

Sinalizem que vocês compreenderam o que leram dando um pulo.

Lentamente, caminhem até ao próximo

QR Code.

Não tenham pressa, estejam atentos durante a caminhada para observarem tudo que integra o espaço percorrido.

Percebem como você está se sentindo.

Fonte: Acervo da autora.

QR Code 1



Fonte: Acervo da autora.

No QR Code 2, foram poucas as dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura do código. Centralizam o celular sob o código e partilhavam as informações com os colegas. Um grupo de alunos estavam contando a respiração e buscando relaxar o corpo, entregando-se no momento.

QR Code 2 localizado no pátio da escola

**QR Code 2**

Tentem entrar em contato com seus corpos.

É importante sentir o seu corpo.

Inspire profundamente e solte a respiração vagarosamente.

Façam esta respiração quatro vezes e aproveitem para perceber o seu corpo.

Busque o relaxamento de seus corpos.

Aproximem-se do próximo QR code localizado próximo ao portão de entrada.

Fonte: Acervo da autora

QR Code 2



Fonte: Acervo da autora.

O QR Code 3, faz um convite a cada aluno solicitando que acionem, sensações, cheiros que sentiram no primeiro momento quando estiveram naquela escola. Nesse QR Code, os alunos conversavam entre si, comentando como foi o início deles naquela escola.

QR Code 3 no muro externo da escola



QR Code 3

Chegamos à rua.
A experiência é individual.
Entreguem-se a esse tempo que não voltará.
Atentem-se as suas memórias, sensações,
cheiros, cores, formas...
Tentem se lembrar do primeiro momento
em que estiveram nessa escola.
Há quanto tempo estudam nesta escola?
Lembrem-se da sensação experimentada
quando estiveram na escola pela primeira
vez.
E neste momento, como se sentem?

Fonte: Acervo da autora.

QR Code 4



Fonte: Acervo da autora.

No QR Code 4, os alunos estavam mais participativos, e foram desenvolvendo as ações solicitadas nos códigos. Andando pela calçada em grupo, exercitando o companheirismo, organizaram a fila com brincadeiras, risos e companheirismo. Corpos que se comunicavam e realizam o que foi proposto demonstrando uma integração coletiva.

QR Code 4 localizado no muro externo da escola, na rua lateral.



QR Code 4

Andem pela calçada atentando-se aos detalhes.
Essa calçada é larga? É estreita?
Quais as cores que nela predominam?
Calmamente, organizem-se em fila com o seu grupo.
Caminhem seguindo as indicações.
Aproximem-se do próximo QR Code.

Fonte: Acervo da autora.

QR Code 4



Fonte: Acervo da autora.

As condições colocadas no QR Code 5, trouxeram de infância demonstrando a liberdade dos corpos, desbloqueio de tensões no jogo pega-pega. Quando chegaram no QR Code 6, estavam ofegantes, e envolvidos nas ações de nosso itinerário.

QR Code 5 localizado pelos alunos indicando a brincadeira de pega-pega



Quinto QR Code (QR Code 5)

Virem à esquerda.
Tentem trazer as memórias de sua infância.
É o momento de se lembrarem dela, das brincadeiras (jogo do pega-pega)
Continuem caminhando...
Permitam-se experienciar este momento.
Registrem com sua câmera.
Procurem o penúltimo QR Code

Fonte: Acervo da autora.

QR Code 5



Fonte: Acervo da autora.

Alunos iniciando a brincadeira do pega-pega



Fonte: Acervo da autora.

A proposta da brincadeira do pega-pegas, rompeu comportamentos rotineiros, favorecendo para as relações de amizade e ao chegar no sexto QR Code e compreenderem o que estava solicitando, cada aluno foi caminhando para o abraço nas árvores juntamente com os colegas. Nesse sentido, os alunos experienciaram os diferentes modos de relacionamento e pertencimento.

QR Code 6 localizado pelos alunos



Fonte: Acervo da autora.

QR Code 6

Parem!

Olhem e percebam tudo que deixaram para trás.

Um caminho aberto aos sentidos se apresenta.

Em grupo, escolham uma árvore, aproximem-se dela e deem um abraço coletivo envolvendo a árvore escolhida.

QR Code 6



Fonte: Acervo da autora.

QR Code7: Alunos concluindo a caminhada



Fonte: Acervo da autora.

QR Code 7

Agora sim é o último QR Code
Obrigada por vivenciarem a experiência
desta caminhada.
Vocês reagiram às solicitações enviadas
pelo QR Code.
Foi uma experiência nova para todos.
Para encerrar o processo, faremos uma
roda de conversa para falaremos da nossa
experiência
Abraços!!!

QR Code



Fonte: Acervo da autora.

Alunos sentados após a caminhada aberta às subjetividades com o uso do QR Code



Fonte: Acervo da autora.

Com o uso do QR Code, foi possível experimentar novos procedimentos na aula de arte. A caminhada perpassa pela vontade e concretude de liberdade, proporcionando assim encontros inesperados em um ambiente já contaminado pela rotina do dia a dia. Dessa maneira, os alunos puderam ressignificar espaços já percorridos anteriormente, experienciando novas subjetividade por intermédio da caminhada com o uso do QR Code.

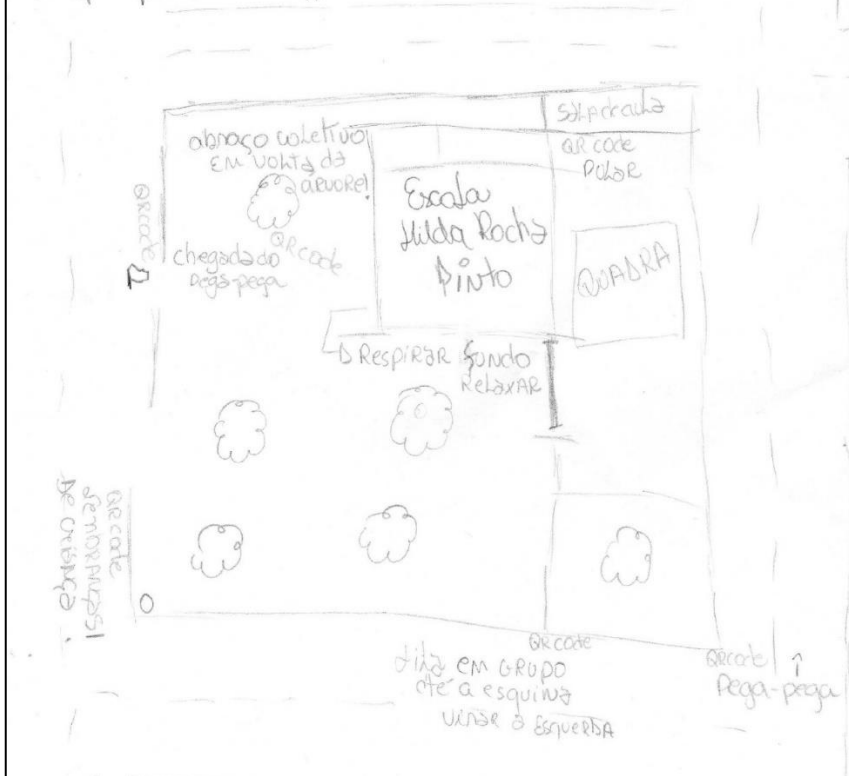
Registro da aluna

17/10
antes

Nessa aula foi maravilhosa, uma aula prática, usamos a tecnologia (celular) para usar para ler o Qr Code, realizamos um percurso, em cada ponto tínhamos uma noção, a mais foi o pop-pegas com a turma corremos pelas ruas em volta da escola e quem fosse o primeiro a chegar estava salvo, tivemos uma infância passada, voltamos ser crianças novamente foi maravilhoso.

das. Armei cada detalhe, as frases escolhidas pelo professor
Ingridy foi melhor das melhores momentos assim merece ser
guardadas, alegrias são boas lembranças!

11 mapa pcurrido 11



Fonte: Acervo da autora

Transcrição do registro escrito do aluno:

“Nossa aula foi maravilhosa, uma aula prática, usamos a tecnologia (celular) para ler QR Code, realizamos um percurso, em cada ponto tínhamos uma missão. A melhor foi o pega-pega com a turma, corremos pelas ruas em volta da escola e quem fosse o primeiro a chegar estava salvo. Vivemos uma infância passada, voltamos a ser crianças novamente, foi maravilhoso. Obs: amei cada detalhe, as frases escolhidas pela professora Ingridy foi a melhor das melhores. Momentos assim merecem ser “guardados, alegrias são boas lembranças! (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual “Prof.^a Hilda Rocha Pinto”, 2019).

Registro do aluno

Bom dia //

Registro da experiência da aula do dia. Uma das aulas mais interativas que eu já tive; A professora Ingridy sempre nos surpreendendo com suas aulas, vivenciamos uma coisa muito legal e divertida, uma experiência pra nos lembrar do primeiro momento em que colocamos o pé na escola (Hilda Rocha) nos faz imaginar e refletir se poderíamos ter feito algo diferente, de como foi a nossa trajetória até aqui, em uma redação pedi para que pudessemos fazer mais atividades com o aparelho celular e a gente tá cada vez mais conectados com o nosso celular só que de uma maneira educativa e eu apoio isso.

Fonte: Acervo da autora

Transcrição do registro escrito do aluno:

“Bom dia! Registro da experiência da aula do dia. Uma das aulas mais interativas que eu já tive. A professora Ingridy sempre nos surpreende com suas aulas, vivenciamos uma coisa muito legal e divertida. Uma experiência pra nos lembrar do primeiro momento em que colocamos o pé na escola (Hilda Rocha) nos faz imaginar e refletir se poderíamos ter feito algo diferente, de como foi a nossa trajetória até aqui, em uma redação pedi para pudéssemos fazer mais atividades com o celular e nós estamos cada vez mais conectados com o nosso celular só que de uma maneira educativa, eu apoio isso” (Registro escrito do aluno do Ensino Médio da Escola Estadual “Prof.^a Hilda Rocha Pinto”, 2019).

Considerações Finais

As reflexões aqui traçadas acerca da artes cênicas no âmbito escolar, fez com que alguns apontamentos fossem mais assertivos diante das experiências com os alunos da Escola Estadual Profª Hilda Rocha Pinto. O percurso aqui relatado coloca como possibilidades do fazer artístico considerando as práticas contemporâneas nas artes cênicas. Acredito que em cada aula a construção da relação do corpo e espaço, dos sujeitos e das deambulações são processos que não cessam.

A necessidade de propor a relação do aluno com experiências mais significativas está presente na minha prática desde o ano de 2016, partindo da obra *Caminhando* de Lygia Clark. Observar a espontaneidade dos alunos ao vivenciar o *Caminhando*, configurou na oportunidade de lançar novos caminhos para a aprendizagem.

Os experimentos em cada aula apresentam a necessidade de colocar as práticas e metodologias contemporâneas ancoradas nas expressividades e nas singularidades dos sujeitos aprendizes nas itinerâncias pelo espaço escolar, o caminhar, mais exatamente à deriva.

Configuramos as caminhadas partindo da obra *Walkscapes*: o caminhar como prática estética de Francesco Careri. A prática da deriva foi um ato que tornou possível aos alunos expressarem, os caminhos foram traçados na intenção desenvolverem a fruição estética dentro de um espaço que não era oportuno para tal prática. Compreendemos que as dificuldades enfrentadas se encontram nas práticas instauradas que tornam os alunos refém de novos experimentos, apresentando certa dificuldade inicialmente para relacionar-se uns com os outros.

Evidenciamos, que nas caminhadas estéticas, os alunos aproximaram mais da relação com o ambiente/lugar/escola. O rompimento com os padrões vigentes das aulas de arte e da relação do aluno com o espaço escolar foram apresentando novos sentidos. Reiteramos que a estética da sensibilidade de Celso Favaretto (2010), destaca a necessidade de repensar a arte na escola diante das transformações que vem ocorrendo na contemporaneidade, pensar no sujeito, na produção de subjetividades que exigem mudanças no ensino.

Nos relatos dos alunos, observamos a presença de velhos padrões estabelecidos nas instituições como também práticas nas aulas de arte que envolvem conteúdos que privilegiam a reprodução/cópias de desenhos. As escritas dos alunos apresentadas, não relacionam com as novas concepções de ensino que priorizam o sensível na aula de arte.

O fazer teatral com práticas contemporâneas, abriu-nos às possibilidades das práticas contemporâneas na Escola Estadual Profª Hilda Rocha Pinto. Levando-nos ao uso das

tecnologias para favorecer a aprendizagem de jovens que já utilizam esses recursos desde a mais tenra idade. Ao conhecerem o QR Code, os alunos viram na aula de arte um recurso tecnológico no qual ainda muitos não tinham conhecimento e desconheciam a função.

A itinerância realizada constituiu na vontade dos alunos de se colocarem abertos à experiência com o auxílio do próprio celular para a decodificação das mensagens, ampliando as percepções no que diz respeito às relações de seus corpos com o espaço da escola e fora da escola. As experiências apresentadas nesse artigo, proporcionaram transformações na relação entre os alunos como também na relação entre alunos e professor. Percebi que durante as caminhadas estéticas, os alunos conseguiam expressar, envolvendo o corpo e conhecendo-se mais. Diferente da rotina de aulas de arte que priorizam a cópia de desenhos, os alunos passaram de reprodutor para criadores, agindo inteiramente com a proposta.

Como professora, compreendi o quanto foi importante buscar práticas contemporâneas e colocar em prática com alunos da escola pública. O fato de estarmos assumindo o compromisso de propor novos caminhos para a aprendizagem, nos coloca diante de inúmeros desafios, exigindo novas propostas.

Assim acreditamos que as experiências apresentadas neste artigo possam se desdobrar em pesquisas futuras no ensino de teatro em escolas de educação básica. Contribuindo para que os alunos desenvolvam no espaço que muitas vezes o impossibilita de desenvolver a autonomia. Como também a presente pesquisa proporciona possibilidades para favorecer os avanços na área da pesquisa em arte, principalmente a pesquisa no ambiente escolar, pois necessita de práticas que privilegiam as relações entre os indivíduos e nas espacialidades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Laila Aparecida. **Utilização de códigos no ensino: o uso do QR Code na sala de aula.** Disponível em: dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/bitstream/handle/123456789/435/Mídias_Leila.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 21 nov. 2019.
- CAON, Paulina Maria; ARAÚJO, Getúlio G. **Caminhar, desacelerar- Uma experiência com audiotour e fotoperformance na escola.** Urdimento- Revista de Estudos em Arte Cênicas, v. 1, p. 224-235, 2019.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** Cap. II – Anti-walk – 71- 110 p. e Capítulo III Land walk – 110 - 154 p. 2013.
- CARVALHO, Dirce Helena. **Lygia Clark: o voo para o espaço real- do bi para o tridimensional,** Universidade de São Paulo, 2008.
- CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora. Informática Educativa - UNIANDS - LIDIE.** Vol 12, No, 1, 1999 pp 11-24. Disponível em: http://www.colombiaprende.edu.co/html/mediateca/1607/articles106213_archivo.pdf Acesso em: 27 out.2019. Tradução CYSNEIROS.
- DEBORD, Guy. **Teoria da deriva** (1958). In: JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 87-91, 2003.
- DEWEY, J. (2010). **Arte como experiência.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- FAVARETTO, Celso F. **Arte Contemporânea e Educação.** Revista Iberoamericana de Educación, n°53, p.225-235, 2010.
- LÜDKE, M. ANDRÉ. M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- PACUAL, Andrea de. **Vibrar: El cuerpo como instrumento pedagógico em la creación de micronarrativas em educación.** In: Múltiplos olhares sobre processos descoloniais nas artes cênicas/ Organização Ana Carolina Mundim, Bya Braga, Graça Velos, Narciso Telles. – 1. Ed. – Jundiaí, SP: Paco, 2017.
- SANTAELLA, L. As novas linguagens e a educação. Plataforma do Letramento. 2 de set de 2014. Entrevista a Lilian Romão. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2019.
- SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero.** In: FLORENTINO, A., and TELLES, N., eds. Cartografias do ensino do teatro [online]. Uberlândia: EDUFU, 2008, pp. 49-59. ISBN 978-85-7078-518-3. <https://doi.org/10.7476/9788570785183.0006>.
- SOARES, Carmela. **Pedagogia do Jogo Teatral: uma poética do efêmero - o ensino de teatro na escola pública.** São Paulo: Hucitec, 2010.

SOMMER, Michelle (org.). **Práticas contemporâneas do mover-se**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2015.